

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino

Cleuma Sueli Santos Suto

Dejeane de Oliveira Silva

José Andrade Almeida Junior

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Francielle Pereira Santos

Ludmila Nunes Mourão

Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Nívia Madja dos Santos

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MUDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Algusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, Juiz de Fora, Minas Gerais

Francielle Pereira Santos

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, Juiz de Fora, Minas Gerais

Ludmila Nunes Mourão

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, Juiz de Fora, Minas Gerais

Marília Martins Bandeira

Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Governador Valadares, Faculdade de Educação Física e Desportos, Governador Valadares, Minas Gerais*

RESUMO: Este relato teve como objetivo analisar a adesão dos praticantes de *mountain bike* (MTB) do município de Juiz de Fora. No estudo do tipo descritivo, baseado no modelo metodológico e epistemológico proposto por Arruda (2012), há uma aliança dos fundamentos da “*Actor Network Theory*” (ANT), com a autoetnografia. Foi possível observar que os praticantes de MTB de Juiz de Fora são em sua maioria homens de classe média e alta, na faixa de 35 anos. Pedalam em grupos de amigos também formados pelas redes sociais digitais. Aderem à modalidade principalmente

pelos sensações de liberdade que o esporte proporciona e pelo prazer de estar em contato com a natureza, além de manter a saúde física e psíquica.

PALAVRAS-CHAVE: Ciclismo. Etnografia. Gênero.

THE RECREATIONAL PRACTICE OF THE MOUNTAIN BIKE IN THE INTERIOR OF MINAS GERAIS: LEISURE, NATURE AND DOMAIN OF MEN

ABSTRACT: This report had as objective to analyze the adhesion of mountain bike (MTB) practitioners from the city of Juiz de Fora to the modality. In the study of the descriptive type, based on the methodological and epistemological model proposed by Arruda (2012), there is an alliance of the foundations of the “*Actor Network Theory*” (ANT), with autoethnography. It was possible to observe that MTB practitioners from Juiz de Fora are mostly middle and upper-class men, in the 35-year age group. They pedal in groups of friends also formed by social networks. They adhere to the sport mainly because of the sensations of freedom that the sport provides and the pleasure of being in contact with nature, besides maintaining physical and psychic health.

KEYWORD: Cycling. Ethnographi. Gender.

* Este capítulo está escrito na primeira pessoa para ser consistente com a abordagem metodológica utilizada. A análise é baseada em trabalho de campo e dados coletados pela primeira autora.

1 | INTRODUÇÃO

O *mountain bike* (MTB) é uma das modalidades do ciclismo praticada em estradas de terra, trilhas e montanhas, com bicicleta apropriada, comumente chamada de “*bike*”. Dentre as modalidades disputadas, o cross-country (XC) é um dos eventos mais populares. As competições são realizadas em circuito fechado, com trechos estreitos e sinuosos (*single tracks*), e/ou estradas abertas, geralmente com a presença de erosões, pedras, cascalhos, troncos, árvores e travessia em trechos com lama (PFEIFFER; KRONISH, 1995). O MTB é um esporte que envolve técnica, força e resistência.

Neste sentido, optou-se por trabalhar com a terminologia “*bikers*” ao fazermos referência aos praticantes de *mountain bike*. Tal terminologia se faz necessária à medida que existem outros esportes que utilizam a bicicleta como instrumento e seus praticantes são caracterizados como ciclistas. Ademais, o *mountain biking* é considerado um esporte de aventura. Na literatura acadêmica internacional que examina os esportes de aventura, encontramos variadas denominações, como: ‘*lifestyle*’, ‘*extreme*’, ‘*alternative*’, ‘*whiz*’, ‘*action-sports*’, ‘*panicsport*’, ‘*postmodern*’, ‘*post-industrial*’ and ‘*new*’ sports (Wheaton, 2004). Apesar da diferença nas denominações, a semelhança nas características de tais atividades esportivas se tornam evidentes nas discussões acadêmicas. Nessas práticas, em grande parte individualizadas, estão incluídas uma grande variedade de atividades, desde *surf*, *skate*, *mountain bike*, *climbing*, *kaiaking*, *windsurfing* até as novas atividades emergentes como B.A.S.E. *jumping*, *kite-surfing* *esnowboarding* (WHEATON, 2004).

No Brasil, os estudiosos do tema também propuseram e/ou traduziram para a língua portuguesa, diferentes terminologias, dentre elas: Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFAN, Aventura, Esportes de Aventura, Esportes de Risco, Esportes na Natureza, Esportes Radicais, Atividades de Aventura, Esportes Alternativos, Esportes Californianos (COSTA, 1999; MARINHO; BRUHNS, 2003; UVINHA, 2005; PIMENTEL, 2006; DIAS *et al*, 2007; MARINHO, 2008; ABDALAD; COSTA, 2009; SCHWARTZ *et al*, 2013; BANDEIRA, 2016). Entretanto, neste trabalho, não pretendo dispensar tempo discutindo a melhor nomenclatura que defina tais práticas, observando que muitos autores já se dedicaram em caracterizá-los e situá-los na contemporaneidade.

Porém, é consenso afirmar, que nos esportes de aventura os praticantes carregam inculido um ideal de qualidade de vida, liberdade e auto superação, propiciados pelo contato com a natureza, ou seja, atraídos por emoções, desejos e anseios que a aventura pode oferecer, buscam em tais práticas a realização pessoal, ou fuga do cotidiano e da sociedade urbanizada.

Considerando que esta foi minha primeira imersão no campo empírico, procurei reunir as informações aqui apresentadas por meio de *modus operandi* que Malinowski (1978) convencionou chamar de “observação participante” apurando o imbricamento deste olhar que se faz como praticante de esporte de aventura e pesquisadora. Os relatos, coletados por meio de diário de campo, entrevista semi-estruturada e observação nas redes sociais (*Facebook*), foram de 32 (trinta e dois) dias de treinos, realizados entre agosto e outubro de 2015, na cidade de Juiz de Fora, localizada no interior do estado de Minas Gerais, pertencente à região da Zona da Mata.

2 | AUTOETNOGRAFIA – REFLEXÃO DE SUJEITO E PESQUISADORA

Esta experiência etnográfica se inicia na Universidade Federal de Juiz de Fora, em uma disciplina de mestrado, a qual eu cursava como ouvinte, em que foi proposta uma atividade de campo. Se por um lado havia uma insegurança de escrever um relato sobre a primeira experiência etnográfica, por outro, aflorava a confiança de estar num ambiente muito natural pra mim: a natureza e o esporte ligado a ela.

Na busca de textos com vistas a revisar algo que pudesse absorver o empirismo de minha prática, encontrei escritos sobre autoetnografia. A maioria dos estudos etnográficos com que tive contato, o etnólogo se referia como um *outsider* no campo de investigação, ou seja, um estranho no ninho. Como meu caso era diferente, busquei nos relatos da autoetnografia identificação com minha prática e reflexão de sujeito e, agora, pesquisadora.

Para o sociólogo José Pedro Arruda (2012), a autoetnografia permite dar visibilidade a vários aspectos e agentes que ficam fora das teses e ao próprio etnólogo. Arruda propõe um modelo metodológico e epistemológico baseado nos fundamentos da ANT – Actor-Network Theory, aliada à autoetnografia. Este modelo dá ênfase às redes de interação que levam o pesquisador a escolher suas metodologias, permitindo localizar a produção de conhecimento dando visibilidade aos demais atores, humanos e não humanos envolvidos no processo. Ainda segundo o sociólogo, “a prática etnográfica tradicional favorece o distanciamento em relação ao objeto e não a proximidade, com vista a uma leitura rigorosa, imune aos interesses individuais do observador” (ARRUDA, 2012 p. 10). Proposta por Bruno Latour e Michel Callon (1981), a ANT, em suma, considera os atores isomórficos e organizados em redes. O etnólogo deve traduzir seu processo interacional para identificar seus papéis (ARRUDA, 2012).

3 | DENTRO DA TRILHA (APROXIMAÇÃO COM O TEMA)

Considero que iniciei minha vida esportiva efetivamente em 2002, quando comecei a participar de competições de *Mountain Bike*, me destacando em provas

regionais. Em 2008 passei a treinar corrida e participei do *Ranking* de Corridas de Rua de Juiz de Fora, ficando em primeiro lugar na minha categoria de idade. Mas o que gostava mesmo era de praticar esportes em trilhas, em contato com a natureza.

No mesmo ano fui convidada pela equipe “*Armadda Adventure Team*” (RJ), para integrar o time de Corrida de Aventura. A Corrida de Aventura (CA) ou Adventure Race na língua inglesa é uma competição multiesporte que inclui as modalidades de *mountain bike*, *trekking*, canoagem e técnicas verticais, em ambiente natural, não demarcado, em que participam atletas agrupados em equipes de sexos mistos, com o intuito de percorrer variadas distâncias por orientação com bússola e navegação com mapas topográficos, podendo se estender por mais de um dia e noite. A CA nasceu na Nova Zelândia, e chegou ao Brasil em meados dos anos 1990 (TOGUMI, 2017). Desde então venho conquistando várias vitórias em provas individuais de esportes de aventura, como *mountain bike*, corrida de montanha, *multisports* e, principalmente na corrida de aventura, integrando as principais equipes nacionais, tal como Quasarlontra (SP), Lobo-Guará(SP), Brou Aventuras (MG), Oskalunga (DF) e Competition Aroeira (SP). O levantamento dos dados foi realizado no segundo semestre de 2015, quando eu treinava diariamente, alternando treinos de corrida e *mountain bike*, conciliando com a jornada de trabalho de oito horas diárias.

4 | BIKERS DE JUIZ DE FORA

Os (as) *bikers* treinam na zona rural do município e cidades vizinhas, mas também se reúnem em algumas trilhas urbanas. As bicicletas são de alumínio ou de fibra de carbono e custam em média de dois mil a vinte e cinco mil reais. Os equipamentos são caros, mas isto não impede que os praticantes invistam em acessórios e peças importadas com intuito de melhorar seu desempenho e conforto nas pedaladas.

Observei, neste período, cerca de 30 *bikers*. A maioria dos (as) *bikers* observados (as) é homem (90%), de classe média e alta, moradores de bairros nobres da cidade, na faixa de 35 anos. Pedalam em grupos formados, normalmente, pelas mídias sociais (*Facebook*) ou criam grupos por meio do *WhatsApp* (**aplicativo** para *smartphones* utilizado para troca de mensagens instantâneas, vídeos, fotos e áudios através de uma conexão com a *internet*). Alguns grupos são de consultorias esportivas, onde o (a) ciclista paga para treinar com um “*personal biker*” em horários pré-estabelecidos. O *personal biker* é um treinador físico, geralmente atleta da modalidade, que dá aulas para amadores em grupo, ou individualmente. A maioria, além de ex-atleta, é profissional de Educação Física.

Nos dias de semana, os grupos possuem média de 2 a 6 ciclistas. Nos finais de semana alguns grupos somavam até 20 *bikers*, que geralmente percorrem percursos maiores (média de 30 a 90 quilômetros).

Foi possível observar *bikers* que se deslocavam de carro até uma região da cidade conhecida como cidade alta, levando a bicicleta na mala ou em suportes

apropriados, para então montá-la e partir para o pedal em si. Esta estratégia é utilizada para fugir do trânsito central, e para ganhar tempo. A maioria dos praticantes (atletas ou não) disse considerar que, apesar de nosso relevo ser propício para a prática do MTB, não há na cidade um local apropriado para o esporte, com estrutura e segurança e percebem como responsabilidade da prefeitura criar políticas públicas para incentivar a prática, como a construção de um *bike park*. Hoje todos os parques públicos da cidade proíbem a entrada de bicicletas, como o Parque da Lajinha e o Parque do Museu Mariano Procópio.

Durante os treinos, o assunto quase sempre é relacionado ao MTB: competições que ocorreram ou estão por vir, novos equipamentos, peças, percursos e passeios. A linguagem é informal, com gírias e uma linguagem própria dos *bikers*, conhecida como Brutuguês. Quem criou a língua “Brutuguês” foi Thiago Drews (“Brou Bruto”), professor de Educação Física e atleta de *Mountain Bike* e Corrida de Aventura, proprietário de uma academia de ginástica na região noroeste de Belo Horizonte. Ele ficou famoso nacionalmente no meio, por postar seus vídeos na internet, treinando e falando frases de incentivo.

Os atletas em sua maioria são muito bem humorados. Os treinos e passeios possuem clima amistoso. Muitos têm suas funções no mercado de trabalho formal, mas alguns são empresários, funcionários públicos e profissionais liberais. Algumas pessoas possuem treinadores e planilha de treinamento e saem sozinhas ou com companheiro do mesmo nível de condicionamento físico e técnico.

As mulheres pedalam, normalmente, nos grupos de consultoria, em outros grupos, ou na companhia de *personal bikers*. Raramente são vistas sozinhas. Eu costumava pedalar sozinha e, muitas vezes, esse fato foi visto com estranheza no meio e fora dele. De fato, mulheres praticantes de esportes de aventura enfrentam preconceitos que podem dificultar sua inserção e permanência no esporte, como por exemplo, a visão do feminino como um gênero mais vulnerável à violência. Esse tipo de discurso reforça o estereótipo de fragilidade, comumente associado às mulheres, desencorajando-as a se engajarem em atividades ao ar livre sem a companhia de um homem. Segundo Ludmila Mourão (2000), as mulheres ainda sofrem com avaliações negativas e restritivas relativas à preferência pelo espaço público do esporte. As mulheres com as quais tive contato no esporte, em sua maioria, compartilham do sentimento de minoria e, muitas vezes, insegurança no esporte, quando a opção é por pedalar sozinha ou na companhia de outras mulheres. Essas mulheres relataram que se sentem mais seguras na companhia de, pelo menos, um homem.

Um estudo do Canadá analisou as imagens e discursos em edições, publicadas após o ano 2000, de uma revista especializada em MTB, revelando que as identidades de gênero são representadas e criadas através de práticas de consumo. Os membros masculinos do esporte são o foco principal desta revista, resultando em muito pouco espaço para mulheres praticantes da modalidade. Além disso, o MTB é retratado como um domínio masculino, pelo qual os produtos devem ser desenvolvidos e utilizados

pelos homens. O estudo fornece uma discussão sobre as possíveis consequências de um retrato restrito da masculinidade, sobretudo a marginalização das mulheres neste esporte (HUYBERS-WITHERS; LIVINGSTON, 2010).

Marília Bandeira, em estudo autoetnográfico no campo do surf universitário no estado de São Paulo, também percebeu que as mulheres eram minoria. E quando estavam presentes, eram comparadas com os homens: “[...] quando uma surfista de pranchinha apresentava *performance* ótima, o elogio que se ouvia em muitas circunstâncias era: “Essa surfa que nem homem, essa é casca grossa!” (BANDEIRA, 2011 p.105).

Assim como Marília, muitas vezes meu desempenho foi comparado com o dos homens, e desta forma, penso que fui aceita no meio por conta de “aguentar” a pedalar com eles, embora percebesse que o fato de ficar na frente de algum homem do grupo, gerava brincadeiras e críticas por parte dos outros integrantes para com o colega que ficou para trás: “Hoje tem gente que vai voltar pra casa triste, porque tomou *caiaba* da Fabi”. “Caiaba” é um termo utilizado pelos *bikers* quando um praticante, melhor condicionado fisicamente, chega primeiro em relação à outro (s) em uma prova ou treino.

Historicamente, a inserção das mulheres nas modalidades do ciclismo foi tardia e minoritária. Segundo Frosiet *al* (2011), de acordo com o COB (Comitê Olímpico Brasileiro), somente a partir de 1988 ocorreu a participação das mulheres na competição olímpica de ciclismo, na Olimpíada de Seul (Coréia).

Apesar de percebermos um aumento histórico na adesão das mulheres nos esportes de aventura, muitos autores observam que há razões importantes para examinarmos criticamente se as mulheres estão fazendo reais incursões nestes esportes. Thorpe (2005), por exemplo, discute que o progresso positivo das mulheres no *snowboard* é superficial, e que elas ainda são marginalizadas no meio. Já Beal (1996), descreve como os jovens no *skate* enfatizavam as diferenças entre os homens e as mulheres como justificativa para criar diferentes papéis para elas, sendo estes papéis inferiores. Kay e Laberge (2004), encontraram na Corrida de Aventura, uma forte ênfase no valor das habilidades de “equipe” das mulheres, por exemplo, suporte emocional de outros membros da equipe, ou seja, papéis coadjuvantes.

Desta forma, percebemos que há contradições nas negociações de masculinidades e feminilidades nos esportes de aventura. Conquanto muitos desses esportes demonstrem alguma evidência de resistência a noções dominantes ou convencionais de masculinidade, seus praticantes também reproduzem construções de masculinidade hegemônica e patriarcado (LARENDEAU; SHARARA, 2008).

Durante os treinos e passeios, observei que era comum tirar uma *selfie* (autorretrato, geralmente tirado com uma câmera fotográfica de mão ou celular com câmera), que posteriormente era postada no *Facebook*. A divulgação das selfies se tornaram comuns em redes sociais digitais. Segundo Heloisa Bruhns, “os esportes onde a natureza é utilizada como denominador comum, respondem a opções atreladas

a vários fatores, como a aquisição de imagens através da compra de um sistema de signos (estilo de vida envolvendo aventura, desafio, risco, natureza)” (BRUHNS, 1999 p.18).

O fato de experimentar emoções em grupo constitui, de forma não desprezível, a vida social desses frequentadores da natureza, a maioria de origem urbana e costumes cosmopolitas, criando costumes expressos na linguagem e formas de se vestir e se comportar, enfim, adotando signos de reconhecimento, buscando parceiros e aliados, numa elaboração de códigos que unem e separam conjuntamente [...], numa sociedade onde predomina a aparência sobre o ser (BRUHNS, 1999 p.22).

O arquétipo do *mountain biker*, paramentado com seus apetrechos, representa uma imagem de força, coragem, homem/ mulher livre. Segundo Heloisa Bruhns (1999), “percebe-se uma tendência à estetização dos gestos esportivos [...], composto numa imagem com a natureza muitas vezes exuberante, numa espetacularização. E, em meio ao prazer da prática, um outro se manifesta, ou seja, o prazer de ser visto, sensivelmente notado nos praticantes” (BRUHNS, 1999 p.22).

5 | OS GRUPOS

Na cidade há alguns grupos que se encontram para pedalar. Geralmente os treinos e passeios são combinados por meio da rede social (Facebook), alguns deles: “Aloô Bikes”, “Amigos do Pedal”, “Equipe Kopa”, “Pedal das Bonitas”, “EntaBike”, “Dinossauros do *Mountain*”. Acompanhei estes grupos pelas mídias sociais e realizei observação participante no grupo denominado “Dinossauros do *Mountain*”. Este grupo sai nos finais de semana, geralmente aos sábados. É mediado por Logan (nome fictício), um *biker* de 57 anos que pratica MTB há 21 anos. Logan posta o mapa do percurso na rede social *Facebook*, com as informações complementares: “Ritmo moderado/ Forte: que exige mais resistência, bom condicionamento e treino constante, alta quilometragem e tempo de pedalada. Muitos bikers utilizam um aplicativo para monitoramento do treinamento, denominado Strava. O Strava é um aplicativo por meio de GPS que permite o monitoramento do treino (quilometragem, percurso, velocidade, altimetria) e divulgação dos índices atingidos nas redes sociais digitais para o acompanhamento de outros *bikers*. Traz informações importantes para o biker e para seu grupo; além de potencializar as competições (por meio de comparação entre os tempos de outros *bikers* da rede social), compartilhamento de informações no sentido de desafio, enaltecimento do feito, orgulho da tarefa, entre outros (www.strava.com).

O “Dinossauros do *Mountain*” atrai praticantes geralmente acima dos trinta anos, e costuma reunir uma média de 6 a 15 pessoas por passeio. A maioria dos participantes é do sexo masculino (mais de 90%). O passeio dura em média 4 a 6 horas, com parada para um lanche, em algum botequim no caminho, na zona rural da

cidade ou cidades vizinhas. O encontro geralmente acontece oito horas da manhã e a saída é pontual. Caso apareça no local de encontro alguém desconhecido, Logan avisa sobre o ritmo dos participantes e nível técnico do percurso. Houve casos onde ele sugeriu que a pessoa não fosse, pois julgou que esta não teria preparo físico para suportar o passeio. Nota-se nesta ação, a importância do mediador do grupo, que preza pelos cuidados com os integrantes, assumindo para si uma responsabilidade com a integridade física dos participantes. Logan carrega consigo um kit de primeiros socorros, pois em um dos passeios observados ele tratou dos ferimentos de uma participante que sofreu uma queda. Também é importante destacar o sentimento de pertencimento por parte dos participantes que já acompanham o grupo há mais tempo. Muitas vezes esses integrantes adquirem a camisa do uniforme e se organizam no sentido de confeccionarem novos modelos de camisas e participarem de eventos representando o grupo.

Tanto nos treinos e passeios que observei percebe-se um clima competitivo. Todos querem dar o melhor de si, ninguém quer ficar para trás, ser esperado ou empurrar a bicicleta em uma subida íngreme, ou seja, “Ninguém quer ser feio” (expressão utilizada no “Brutuguês”). Apesar de ser uma expressão sem nenhuma intenção científica, seu significado pode ser considerado o componente estético desta prática, se nos remetermos aos estudos de Maffesoli (1996). Segundo Maffesoli (1996), a aparência torna-se o principal elemento da linguagem e aliada às emoções vividas em grupo, no mesmo ambiente, onde se comunga os mesmos valores, atribui sentido a esse conjunto. O corpo, desta forma, expressa sua linguagem, interagindo com outros corpos, sendo visto e notado.

Os *bikers* de Juiz de Fora relatam que os principais motivos de praticar MTB são principalmente as sensações de liberdade que o esporte proporciona e o prazer de estar em contato com a natureza, incluindo as pessoas que competem ou trabalham com este esporte, além de manter a saúde física e psíquica. Em todos os casos, a prática do MTB influencia em outros aspectos da vida do praticante, como a escolha das atividades de lazer com a família, a alimentação e o modo de vestir.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta experiência autoetnográfica tive a oportunidade de refletir sobre uma prática esportiva que vem crescendo a cada dia na cidade. Os (as) *bikers* de Juiz de Fora, relatam que os principais motivos de praticar MTB são as sensações de liberdade e o prazer de estar em contato com a natureza, além de manter a saúde física e psíquica. Apesar do notório aumento da adesão das mulheres à atividade, o MTB ainda é de domínio dos homens.

Acredito que o MTB, assim como outras atividades esportivas, está ganhando mais notoriedade na cidade não só por consequência da cultura da saúde e bem estar, mas por ser uma oportunidade de convívio social e contato com a natureza,

nesse atual panorama de grandes conturbações como violência, crise econômica, crise hídrica, conflitos políticos, desemprego e caos urbano. A fuga do cotidiano das cidades torna-se, portanto, um remédio antiestresse para o ser humano moderno, que trabalha, administra conflitos e recebe informações de forma rápida, com a evolução tecnológica. Mas também pode ser produtor de outros tipos de estresse, como, por exemplo, a manutenção da aparência e da *performance* e o julgamento da exposição nas redes sociais digitais. Sugiro mais estudos sobre as relações sociais e de gênero presentes na prática da modalidade.

REFERÊNCIAS

ABDALAD, L.S; COSTA, V. L. M. A Participação das mulheres nos esportes de vôo livre: um estudo sobre as práticas de aventura e risco. **RevistaGênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 121-145, 2. sem., 2009.

ANDERSON, K (1999) The construction of gender in an emerging sport. **Journal of Sport and Social Issues**23(1): 55-79.

ARRUDA, J. P. 2012. “Tese e Antítese. A autoetnografia como proposta metodológica”. In: VII Congresso Português de Sociologia. Porto: Universidade do Porto. Disponível em: http://historico.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0270_ed.pdf. Acesso em 12 jul. de 2017.

BANDEIRA, M. M; RUBIO, K. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (Impresso), São Paulo, v.25, n.1, p.97-110, 2011.

BEAL, B. Alternative masculinity and its effects on gender relations in the subculture of skateboarding. **Journal of Sport Behavior**, South Alabama, v.19, n.3, p. 204-220, 1996.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: A natureza como espaço da experiência. **Conexões: educação, esporte, lazer**, Campinas, n.3, p.7-26, dez. 1999.

BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.) **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

COSTA, V. L.; TUBINO, M. A. Aventura e o risco nos esportes praticados na natureza. **MotusCorporis**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p. 96-112, nov.,1999.

DIAS, C.; MELO, V.; ALVES JUNIOR, E. Os Estudos dos Esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Porto, v.7, n.3, dez/2007.

KAY, J.; LABERGE, S. ‘Mandatory equipment’. Women in adventure racing. In: WHEATON, B (ed) **Understanding lifestyle sports**. Consumption, identity and difference. London: Routledge, 2004. p.154-174.

FORD, N; BROWN, D. **Surfing and social theory. Experience, embodiment and narrative of the dream glide**. London and New York: Routledge, 2006.

FROSI, T.; CRUZ, L.; MORAES, R.; MAZO, J. A prática do ciclismo em clubes de Porto Alegre/ RS. **Revista Pensar a Prática**. Goiânia. 14, n. 3, p. 1- 18, set./dez. 2011

HUYBERS-WITHERS, S; LIVINGSTON, L. Mountain biking is for men: consumption practices and identity portrayed by a niche magazine. **Sport in Society**, v. 13, p. 1204-1222, 2010.

KAY J.; LABERGE S 'Mandatory equipment'. Women in adventure racing. In: Wheaton, B (ed) **Understanding lifestyle sports**. Consumption, identity and difference. London: Routledge, 2004. p.154-174.

LARENDEAU, J.; SHARARA, N. Women could be every bit as good as guys. Reproductive and resistance agency in two 'action' sports. **Journal of Sport and Social Issues**, Alberta, v.32, n.1, p. 24-47, 2008.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia** (Série Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARINHO, A. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000.

PFEIFFER, R.P; KRONISH, R.L. Off-road cycling injuries: an overview. **Sports Med**, v. 19, n. 5, p. 311-25, 1995.

PIMENTEL, G. **Risco, corpo e socialidade no vôo livre**. 2006. 170 f. Dissertação (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SCHWARTZ G.M., FIGUEIREDO J.P.; PEREIRA L.M., CHRISTOFOLETTI D.A., Dias V.K. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. **Motricidade** v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013.

THORPE, H. Jibbing the gender order: Females in the snowboarding culture. **Sport in Society**, v. 8, n. 1, p. 76-100, 2005.

TOGUMI, W. O que é corrida de aventura. **Adventuremag**: Informativo sobre corrida de aventura. Disponível em <http://www.adventuremag.com.br/blogsv2/adventuremagz/iniciando/o-que-e-corrída-de-aventura/> Acesso em: 28 mar. 2017.

UVINHA, R. (Org.). **Turismo de aventura: reflexões e tendências**. São Paulo: Aleph, 2005.

WHEATON, B. **Understanding lifestylesports: Consumption, identity and difference**. Nova York: Routledge, 2004.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

